



Por que os filhos brigam?

Não existe pai ou mãe que não enfrente a briga entre seus filhos, não existe pai ou mãe que não se desespere com esse fato. A briga entre os pequenos cansa, aborrece, irrita e jamais termina. Mesmo mais tarde, quando adolescentes, ou quase, ainda vez por outra mínimos pretextos são usados para a discussão. Por que brigam os filhos? Como agir diante dessa rotina que aborrece e desgasta?

A primeira pergunta é bem mais fácil de ser respondida que a segunda. Os filhos brigam por causa de uma personalidade que aos poucos se forma, por opiniões que, pela singularidade humana, raramente se igualam, por imitação ao ver brigas nos filmes ou, pior ainda, entre os amigos e os pais, brigam em nome da disputa pela atenção e pelo amor destes. A briga entre irmãos faz parte do crescer e, ainda que não seja inevitável, dificilmente deixa de existir. As crianças se desentendem da mesma forma que os cães ladram e os gatos miam; brigam porque os genes da competição fazem parte indissolúvel da condição humana. A resposta sobre a briga dos filhos pode não encantar, mas tem base nos estudos da neurologia e da genética e, por essa razão, é importante que se conviva com esta, exaltando os raros casais que não conhecem esse problema.

Mas, se conviver com as brigas entre irmãos é quase inevitável, cabe aos pais buscar as linhas de procedimento diante dessas situações e fazer delas um bonito instrumento de educação, de tal forma sólido que os filhos por brigarem aprendem a bem crescer. Como agir? A primeira proposta é, certamente, a mais difícil. Trata-se de aceitar as brigas como condição inerente à formação da personalidade e assim não perder a calma, transmitindo a bela segurança que acompanha sempre uma postura de serenidade. Fácil não é, mas é essencialmente necessário.

Outra ação importante é evitar críticas e, sobretudo, julgamentos nos momentos em que a emoção explode. Não há briga que não faça aflorar sentimentos de raiva e de disputa, e o bom caminho é

tentar serenar os ânimos, sem desespero e com firmeza. – Vamos parar! Vamos tomar um gole de água! Vamos sentar à mesa! Vamos conversar! Nem sempre os mais velhos ou os meninos são os fomentadores da crise.

Quando essa situação se conquista, mais de meio caminho já se percorreu. O que mais anseia uma criança que se desentende com seu irmão, amigo ou primo é descobrir cumplicidade no adulto. Se esta não se revela de imediato e busca-se a calma, já têm início as linhas de uma educação que ensina a crescer. Mais serenos e sentindo no adulto o árbitro essencial, cabe então que se ouçam as partes envolvidas, ainda assim evitando a execração da justificativa para um e da culpa para outro. Não há justiça quando se nega a defesa, mesmo a quem se acredita estar errado. Ouvidas ambas as partes, é cedo para forçar um veredicto ou a ameaça de castigo. Nessa hora, cabe muito bem um surpreendente e agora? Como resolver essa questão? O que vocês acham que deve ser feito?

É claro que solicitações como essas não são as que os briguentos esperam. Eles buscam, como dito anteriormente, a cumplicidade do adulto e almejam que seu julgamento seja satisfatório. Mas, levados à condição de expositores, é interessante que eles pensem qual a saída propícia, como terminar um conflito que poderia até não ter sido iniciado.

Não se pretende afirmar que “jamais” deve o adulto expor seu ponto de vista e, eventualmente, destacar maior responsabilidade de um que de outro, mas é importante para a formação humana o

pensamento, ainda que breve e incompleto, de uma justiça sem qualquer culpa, mesmo com o peso de alguma responsabilidade. Nessas horas, algumas vezes é interessante invocar as regras de qualquer esporte e mostrar que, se estas forem descumpridas, cabe na proporção correta sua sanção. Bola atirada para fora da linha de jogo implica reposição e esta é sempre feita pelo adversário de quem a atirou. Mesmo assim, não é de qualquer forma que se aceita essa reposição. Uma conversa serena sobre a questão das regras que envolvem jogos começa por afastar a ideia de vencedor e de vencido, dilui a sensação de culpa e, mais ainda, acaba criando instrumentos para em outras possíveis brigas assim se agir.

Talvez nossos filhos nunca deixem de brigar e será muito bom que isso ocorra, pois, como antes foi dito, pode o conflito ser uma boa oportunidade para se mostrar que com calma e firmeza é possível ensinar solidariedade, é importante demonstrar amor.

(Professor Celso Antunes. Especial para o Sistema de Ensino Energia.)



Nota de esclarecimento: Por questões de direitos autorais a impressão ou a cópia textual desse arquivo foram desabilitadas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, do Sistema de Ensino Energia - Unidade Florianópolis.